



# MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI  
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 1 | JAN-MAR 2020

## EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL EM O SEMINARISTA, DE BERNARDO JOAQUIM DA SILVA GUIMARÃES



## FORMAL AND INFORMAL EDUCATION IN O SEMINARISTA, DE BERNAR-DO JOAQUIM DA SILVA GUIMARÃES

CLEIRY DE OLIVEIRA CARVALHO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE BRASÍLIA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 16/10/2019 ● APROVADO EM 27/12/2019

---

### Abstract

---

O seminarista, by Bernardo Guimarães was selected for this article because it makes it possible to discuss teaching in religious educational institutions, which was of great importance in Brazil, even after the end of the Jesuit monopoly, and, at the same time, gender and class inequality in access to education in the imperial period: specifically in the opposition Eugenio-Margarida. The work in question is usually associated with a critique of clerical celibacy and Bernardo Guimarães was set in our

literary canon as a novelist usually not celebrated by critics. As will be seen, this novel makes it possible to start a comprehensive discussion of education through the representation of teaching in a religious educational institution in this work by Bernardo Guimarães. Because this school, considering its emphasis on religious instruction, was very representative in the education of the young Brazilian students of the time, this work by Guimarães allows us to investigate important issues for the development of the critical thematic axis of this article: the imposition of religious education on one of the children was, at the time, the practice of many Brazilian families who saw in the ecclesiastical service the possibility of their own social ascent. My conclusion is that the formal architecture of the love narrative internalizes the historical and social realities of the education of the nineteenth-century rural patriciate, constituting the aesthetic realization of an incisive critique not only of the repressive imperative of clerical celibacy (an element ordinarily regarded as the core issue of the novel), but especially to the modes of formal and informal closure observed in education at a time when the school structured on the principle of coercion.

---

## Resumo

---

O *Seminarista*, de Bernardo Guimarães, foi selecionado para este artigo porque possibilita discutir o ensino em instituições religiosas, que teve grande importância no Brasil, mesmo depois do fim do monopólio jesuítico, discutindo ao mesmo tempo a desigualdade de gênero e de classe no acesso à educação no período imperial — especificamente na oposição Eugênio-Margarida. Essa obra normalmente é associada a uma crítica ao celibato clerical e Bernardo Guimarães se estabeleceu em nosso cânone literário na condição de romancista pouco festejado pelos críticos. Como se verá, esse romance possibilita encetar uma discussão abrangente sobre a educação a partir da representação do ensino numa instituição religiosa de ensino nessa obra de Bernardo Guimarães. Pelo fato de que essa escola, considerando sua ênfase na instrução religiosa, foi muito representativa na formação dos jovens estudantes brasileiros de então, a obra de Guimarães possibilita investigar questões importantes para o desenvolvimento do eixo temático crítico deste artigo: a imposição da formação religiosa a um dos filhos foi, na época, a prática de muitas famílias brasileiras que viam no serviço eclesiástico a possibilidade de sua própria ascensão. Minha conclusão é que a arquitetura formal da narrativa amorosa internaliza as realidades histórica e social da educação do patriciado rural do século XIX, configurando-se como objetivação estética de uma crítica incisiva não somente ao imperativo repressivo do celibato clerical (elemento ordinariamente considerado como a questão central do romance), mas sobretudo aos modos de enclausuramento formal e informal observados na educação de uma época em que a escola era estruturada sobre o princípio da coerção.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Education. Bernardo Guimarães. *O Seminarista*. Violence.

**PALAVRAS CHAVE:** Educação. Bernardo Guimarães. *O Seminarista*. Violência

A história registra que, menos de cem anos após serem expulsos pelo Marquês de Pombal, os jesuítas voltaram ao Brasil. A história também registra ter havido um certo caos com a expulsão prematura dos jesuítas em relação à educação na Colônia. Por isso, é necessário abordar a educação dialogando com a formação preconizada nas instituições religiosas. Em “A influência da religião europeia na cultura brasileira. Da religião mágica à religião crítica”, o teólogo Ney de Souza defende o fato de ser justamente a expulsão dos jesuítas que contribuiu para os jovens universitários brasileiros — que estudavam em Coimbra — perceberem o quanto o projeto de Pombal para o Brasil prejudicava os grandes proprietários que aqui eram enriquecidos pelo trabalho escravo. Após referendar que “entre 1500 e 1759 os jesuítas controlaram todas as atividades culturais brasileiras” (SOUZA, 2015, p. 114), o teólogo argumenta que a expulsão dos jesuítas foi o principal obstáculo para a modernização da colônia.

Os jesuítas haviam sido até então absolutamente fiéis ao trono português, também haviam ajudado a moderar tendências separatistas difusas no meio dos colonos. Com a expulsão, a monarquia perdeu um poderoso aliado no exterior. O antijesuitismo era, portanto, um elemento fundamental na crise do projeto colonial. (SOUZA, 2015, p. 116).

Segundo o teólogo, é a negação da permanência dos jesuítas no Brasil que fará com que as pessoas religiosas da “elite brasileira”, que tinham acesso a Coimbra para graduarem-se, percebam o engodo do projeto de Pombal para os bolsos dos saqueadores menores, ou seja, os apossadores das terras dos habitantes originais. Os grandes proprietários de terras e escravos eram os maiores prejudicados com as mudanças ocorridas após Pombal expulsar os jesuítas. Obviamente esse prejuízo é principalmente financeiro; fosse apenas cultural e provavelmente não haveria estardalhaço. Afinal, os senhores das grandes fortunas podiam enviar seus filhos para estudarem fora. E são eles, na defesa de Souza (2015), os responsáveis por descobrirem o déspota, o saqueador das riquezas da Colônia.

Um vácuo foi deixado pela expulsão dos jesuítas para o projeto da escolarização. A educação estava centrada nas mãos deles. A supressão por decreto retira, mas não repõe a perda desses formadores religiosos:

Os jesuítas tiveram de ser substituídos por leigos ou religiosos de outras ordens e a partir do início do século XIX, o Estado teve de avocar para si a educação da colônia e principalmente depois da instalação da corte no Rio de Janeiro, a vida cultural brasileira começa a dar sinais de mudança. (ETCHEBÉHÈRE JUNIOR; BRANDÃO PINTO, 2009, p. 5)

Vejam os. Em 1820 os jesuítas ainda não tinham permissão para retornar as suas atividades educacionais, mas outras missões possuíam livre acesso a um projeto ideológico educacional cristão. Bernardo Guimarães publica *O seminarista* em 1872, no entanto, sua narrativa está temporalmente localizada no começo da década de 30 do século XIX. A história contada no romance, conforme Ligia Cademartori em "Arrojos e clausura", "iniciou em torno de 1830" (1999, p. 9).

O *seminarista* foi muito lido nas escolas brasileiras e também recebeu várias leituras de críticos. É um romance que à primeira vista contempla o amor juvenil de duas crianças que crescem juntas desconhecendo as diferenças de classe, as diferenças de oportunidades por nascimento, as motivações dos adultos. A naturalidade com que vivem é facilmente associada ao lugar em que vivem, apenas correndo os riscos que a vida campestre oferece e pajeados por uma jovem escrava que tem a tarefa de os vigiar para que nada aconteça com eles. Assim eles crescem até o dia em que é preciso seguir os rumos que suas origens de classe impõem (Margarida) ou demandam (Eugênio). Eugênio é enviado para o vilarejo mais próximo para estudar e Margarida, que também poderia frequentar a escola, por não ter as posses que Eugênio possui, fica restrita aos ensinamentos das duas mulheres mais próximas, a mãe e a mãe de Eugênio, sua madrinha. Enquanto a maioria das leituras dessa obra segue o percurso dos dois jovens que se amam e que são impedidos de ficarem juntos, por ter sido Eugênio obrigado a cumprir o desejo dos pais e dos padres de formar-se padre, o que é fato, sigo pelo caminho da escola. Das possibilidades que Eugênio teve ao ir para o Seminário. Essa, a meu ver, é a questão mais importante da obra; primeiro por apresentar duas crianças em idade escolar mas só uma delas tem direito e oportunidade de ir a escola; segundo por entender que essa condição que inicialmente favorecia a formação do privilegiado Eugênio é que vai levá-lo a enlouquecer.

Candido, ao tratar de "O triunfo do romance", na parte em que analisa as "Novas experiências", encerra afirmando: "n'O *seminarista*, senão análise conveniente, pelo menos esforço comovedor de análise dum caso moral, através da história de uma alma de adolescente" (2000, Tomo 2, p. 194 – grifo do autor). Candido analisa

A disciplina do Seminário obriga-o [Eugênio], porém, através dos diretores espirituais, a capacitar-se da inviabilidade dessa fusão afetiva; da necessidade de distinguir, para separar e renunciar a um deles. É o ponto crucial, que o escritor localiza muito bem. A análise cria a noção da dualidade e, a partir daí, começa a luta para manter a integridade espiritual — ora o amor cedendo à mística, ora superando-a. Mas como na alma fraca de Eugênio não há energia para optar decididamente entre o amor de Margarida e o amor de Deus, a luta se prolonga até uma aparente unificação, rompida finalmente pela paixão recalçada e levando, nesta ruptura, à luz da razão. (2000, T2, p. 216)

Os fragmentos citados demonstram que a leitura de Candido (2000) está respaldada pelo conflito primeiro que a obra parece encetar: a situação clerical. Mas

defendo que há um outro antagonismo que não se pauta na luta entre o amor a Deus e o amor à Margarida. Trata-se da oposição entre a educação formal e a educação informal. O caso moral é também aplicado aos comportamentos dos pais e padres responsáveis pela educação de Eugênio tanto no plano formal quanto no plano informal. A alma do adolescente não passara disso pelo fato de desde criança ter sido predestinado a ser o que efetivamente não se tornou. Ainda que a valoração dessa obra fosse apenas uma crítica ao que os Seminários incutiam em seus discentes, seria preciso questionar que formação era essa que ao fim e ao cabo revertia-se contra aquele que lá ficara enclausurado durante a maior parte de sua vida.

No caso da personagem Eugênio, por ter nascido em um lar cristão e possuir uma condição financeira privilegiada, estudava no lugar correto para atender a demanda familiar, mas não era aluno com “vocação” espiritual suficiente para a carreira na qual se formou. Nem adulto o bastante para assumir e sustentar, à sua família e aos padres, que não possuía formação verdadeira para ser o eleito da igreja. Importa desse percurso formativo desta personagem o seu entrosamento com os estudos. A exigência com a formação religiosa tem alicerce:

Numa sociedade em que o adulto impõe a sua vontade, a consequência é óbvia: Eugênio interioriza a mesma interpretação. [...] Impõem ao rapaz a vocação sacerdotal, pois ter um filho padre na família era, além de preservar a tradição, um meio de ascender socialmente. A carreira de padre era vista no século XIX como um ganha pão seguro e uma brilhante marca de prestígio, e essa imposição fica mais clara quando lembramos que a falta de colégios leigos favorecia a existência de um grande número de rapazes que se tornavam padres sem vocação. (GUSMÃO-GARCIA; SILVA, 2005, p. 16-17)

Destaco que essa chave de leitura que segue se refere à polarização que caracteriza a vida no internato:

A imagem que o romancista oferece ao leitor da vida no seminário fundamenta-se em antagonismos: de um lado a educação informal, o aprendizado da vida no contato direto com a natureza e com a manifestação que brota espontaneamente do indivíduo; do outro a educação formal, num ambiente escuro e sufocante. (GUSMÃO-GARCIA; SILVA, 2005, p. 11).

José Veríssimo, por exemplo, assim se refere a Bernardo Guimarães na sua obra *História da Literatura Brasileira*: “É um contador de histórias no sentido popular da expressão, sem a ingenuidade, às vezes excelente, destes, porque em suma é um letrado, e as suas letras lhe viciam a naturalidade.” (1963, p. 210). Um pouco mais ferrenho Veríssimo ainda pontua: “Bernardo Guimarães escreveu mal, quero dizer sem apuro de composição, nem beleza de estilo. O seu é o de todo o mundo que não cuida do que escreve, a sua língua é pobre, a sua adjetivação

corriqueira, o seu pensamento trivial.” (1963, p. 210). Também de Veríssimo é a informação mais biográfica:

Bernardo Guimarães encontrou, pois, uma tradição literária na família. Devia-lhe avultar a herança e comunhão da Sociedade Acadêmica de S. Paulo, cuja Faculdade de Direito, no tempo em que a frequentou, era um foco de atividade intelectual. Ali teve por colegas e companheiros Álvares de Azevedo, Aureliano Lessa e outros jovens poetas e escritores. Segundo a tradição constante, ele, como aliás tantíssimos outros dos nossos doutores, tudo fez menos estudar. (VERÍSSIMO, 1963, p. 209)

O que falta na análise de Veríssimo (1963) é a observação do caráter conformador típico da universidade contraposto a independência intelectual desses jovens em particular, cuja rebeldia os levava a estudar nos seus próprios termos sobretudo aquilo que os inquietava, não necessariamente aquilo que a instituição acadêmica deles demandava.

Faria Filho em “Ilustração e educação: uma leitura de Bernardo Guimarães” observa que

é n’O seminarista, ao falar da educação de Eugênio, que o autor vai produzir uma impressionante e, ao mesmo tempo, muito negativa visão da educação nos colégios internos, notadamente nos seminários. Como que estabelecendo um diálogo com as correntes higienistas da época [...] (2006, p.170).

A conclusão de Faria Filho ressalta que há:

[...] uma visão bastante crítica acerca da educação nos colégios religiosos. Tal educação, ao fim e ao cabo, acabava por mutilar a própria humanidade, não apenas impedindo a realização de legítimos projetos de vida dos sujeitos a ela submetidos mas, corroendo o caráter, a inteligência e a saúde física dos meninos. [...] Bernardo Guimarães utiliza-se de suas várias sensibilidades e competências – de bacharel, de professor, de juiz, de literato, de jornalista, ... – para construir seus personagens, montar suas tramas e levar avante suas narrativas, ele participa também de todas as ambiguidades e contradições de seu tempo: a crença no progresso, na ciência e na ilustração de um modo geral, tem que conviver com a presença marcante da religião, as idas e vindas da vida política brasileira, a presença da escravidão... e de tudo o mais que marca aquele tão conturbado século XIX. Mais ainda: podemos dizer que, como literato, B. Guimarães, propôs formas peculiares de mostrar aquele momento e de compreender as relações sociais. [...] um autor profundamente comprometido com o seu tempo e, ao mesmo tempo, profundamente cindido sobre as relações, os valores, os desejos, as esperanças compartilhados e abraçados. Também por isso, seus personagens e suas histórias nos fascinam tanto até hoje. (2006, p.171).

A cisão se dá na própria construção do ser humano que decide pelo enfrentamento. Conviver pacificamente com uma ou outra, requer algumas habilidades, independente das conturbações de cada século. Enfrentá-las é uma exigência de si mesmo muito maior. Paga-se por isso, por omitir-se ou por aderir as lutas de cada tempo. Se a opção pelo enfrentamento acontece pela escrita, os julgamentos estão sempre sujeitos a novos juízes. Se é possível defender o tal fascínio que as histórias do autor causam ou causaram, depende do público e do seu interesse em narrativas.

A própria concepção do romance de Guimarães é atraente ao leitor, além dos cortes de capítulo, da temática, o uso que o autor faz dos diálogos com seus leitores cria uma cumplicidade. Destaco que as primeiras leituras<sup>1</sup> do romance foram no formato folhetim. E, parece-me, que o estilo do autor revela uma escrita articulada para instrução do seu público-alvo, inicialmente os leitores dos rodapés dos jornais. Na sequência quatro momentos em que o narrador instrui, no percurso da leitura, as situações que eram importantes naquele momento de formação do leitor:

Talvez o leitor não creia nessas coisas que chamam abusões do povo; mas o certo é, [...] (*O seminarista*, 1999, p. 25)

Seu coração passava por uma crise violenta e profunda, como o leitor pode imaginar. (*O seminarista*, 1999, p. 59)

Mutirão! mas eu não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra, que talvez não poderão encontrar em dicionário algum. Portanto é necessário defini-la. (*O seminarista*, 1999, p. 72)

Isto para o padre diretor não era nenhuma novidade. Estava ele bem lembrado, e o leitor também não se terá esquecido, dos versos feitos a Margarida, [...] (*O seminarista*, 1999, p. 91)

Na época da publicação do romance, os dicionários não eram tão fáceis de serem encontrados e o leitor do jornal poderia não compreender parte da narrativa por faltar esse conhecimento. Está dada a instrução, o próprio autor garante o entendimento do conteúdo pela forma. E a forma é instrutiva, pautada em uma didática, há um comprometimento com os problemas sociais.

Muitos já deram testemunho das condições dos estudantes nos seminários: as incontáveis horas que passam estudando, enclausurados entre livros e padres, com pouco acesso à família, com pouco acesso à convivência normal de crianças. Essa reclusão a que os pais de Eugênio o submetem por anos a fio e que o mantém longe das coisas que ele verdadeiramente ama, são pelo menos tão formativas na vida de Eugênio quanto os ensinamentos que recebe no Seminário. Um jovem que cresceu solto em meio a terras e animais, passando o dia correndo e brincando, mas ao final da tarde tinha o aconchego do lar é violentamente arrancado de suas raízes e inserido em um outro ambiente, sem absolutamente nada do que o cercava antes.

Na medida em que pensamos nos dois ambientes é perceptível que essa contradição entre liberdade e prisão fica associada. E, assim como Gonçalo foge dos muros que cercam a universidade para se sentir liberto, Eugênio é “sequestrado” do mundo em que era livre. Ou seja, uma obra baseada em métodos coercitivos, tanto na família quanto no seminário e, uma escolarização totalmente desvinculada da experiência de vida do protagonista.

No seminário, onde Eugênio é cativo, o narrador apresenta o contraste entre a vida com a família e a vida no seminário: “aquele filho do sertão, acostumado a percorrer os campos e bosques da fazenda paterna, não pôde a princípio deixar de estranhar a severa reclusão e imprescritível regularidade daquela vida monótona e compassada do seminário” (O seminarista, 1999, p. 34). Mas, como era um bom menino, acostumado a ser obediente, Eugênio ambientou-se.

Esse apagamento de Eugênio desde criança, acostumado a obedecer sem sequer questionar a autoridade dos pais ou dos padres, só será explorado quando for tarde demais. É apenas quando descobre que os pais mentiram e que os padres mentiram o tempo todo sobre Margarida que ele ousará omitir e depois mentir para os pais. Não defendo com isso que ele está liberto das opressões que sofrera nos dois ambientes, ao contrário, defendo que ele antes aceitava passivamente e agora dissimula, também passivamente. Tivesse ele recebido uma educação que fosse para levá-lo ao conhecimento, as luzes e, atitude dele teria sido outra. No mínimo ele deveria ter confrontado os pais a respeito do que ensinaram a ele e a forma como agiram. Esperavam um filho bom, honesto, obediente aos mandamentos de Deus e o colocaram em um Seminário para que assim acontecesse. Porém os meios que usaram para atingir tal resultado não correspondiam em nada com o que pregavam como conduta. A contradição está na raiz da sua educação formal e será mantida na sua educação informal. Isso porque o Seminário é um braço dos pais de Eugênio e, ainda, o olhar de Deus. Nem uma formação nem outra foi capaz de prepará-lo para o seu porvir.

Eugênio, temendo encontrar Margarida antes de saber que ele fora enganado pelos pais e padres, assim teme: “serei eu tão fraco, tão indigno e vil, que ainda consinta aninhar-se debaixo destas vestes sagradas um sentimento ímpio e profano! Não é fugindo do inimigo, mas travando com ele, que o soldado se torna digno de cingir os louros da vitória” (O seminarista, 1999, p. 124). Isso posto, reitero, Eugênio não foi preparado moralmente o suficiente para honrar seus temores, por isso deitara com o inimigo (Margarida) e travara com ele união corporal e o cingira dos louros do amor correspondido. E assim continuaria conjugando o amor ao sacerdócio e o amor à Margarida, não fosse ela a jovem morta a adentrar a igreja.

Em Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas – Brasil os autores assim se posicionam a respeito do romance O seminarista:

o móvel da narrativa parece ser o celibato clerical mas uma leitura mais detida pode mostrar que o romance mostra o desajuste entre a educação do claustro e a que poderia ser proporcionada com outros métodos que articulassem a instrução com a realidade vivida, ou seja, a realidade do campo,



com seus costumes (por exemplo o trabalho em mutirão) e abusões. (SANTOS; SANT'ANNA, 2007, p. 115)

Sim, o mutirão possibilitaria o trabalho coletivo, a parceria, o resultado em equipe. Enquanto o Seminário ensina para o individualismo e alimenta uma formação competitiva; outra contradição se pensarmos que é uma formação praticada por religiosos, situação que se esperaria, no mínimo que houvesse, a partilha, a comunhão. Afinal, defendiam os padres do seminário, serem os mestres que ofertavam (pagas as mensalidades) uma educação moral e intelectual. Nem no pátio Eugênio tem sossego. No recreio a sua função é exercitar-se para cansar o corpo.

O estudante seguiu à risca todas as exortações e conselhos do padre. Na ocasião do recreio corria, saltava, lutava, jogava a bola e a peteca, sem dar

um instante de repouso ao corpo.

Nas horas de repouso estudava a morrer, e quando já não tinha lição a estudar pegava em qualquer livro pio, e lia, lia incessantemente. Quando vinha a noite, achava-se fatigadíssimo, mas em vez de entregar-se ao descanso que a natureza reclamava, conservava acesa a sua lâmpada até horas mortas da noite, rezando ou estudando, e quando a apagava ficava ainda ajoelhado e de braços abertos sobre o leito, até que um sono irresistível o viesse prostrar. No fim de algum tempo, Eugênio estava magro, pálido, alquebrado, que mais parecia uma múmia ambulante. (*O seminarista*, 1999, p. 51).

Chamo a atenção para o fato de Eugênio nunca ter participado de uma brincadeira no Seminário. Todos os momentos em que ele pode ser criança e, brincar, estão registrados no espaço da fazenda. Escola é lugar de coisa séria. Brincar não é currículo escolar. Os padres não defendem uma formação moral com brincadeiras.

[...] o seminário produz desadaptações comprometedoras de desenvolvimento de personalidade e do sentimento de felicidade. Além disto, produz submissão e adestramento, ignora o indivíduo como tal, não permite diálogo e a cooperação; o diálogo aberto é abafado pela aprendizagem da obediência cega. O aluno deve organizar-se em torno de certas formas de conduta que têm, aos olhares vigilantes e severos dos padres, grande valor: como devotamento, piedade e submissão. (GUSMÃO-GARCIA; SILVA, 2005, p. 13).

O diálogo aberto também é usado para repressão e abandono. Basta lembrarmos da confissão de Eugênio sobre não mais querer ser padre e as consequências dessa confissão.

Interessa-me o aspecto apontado por eles (SILVA; SANT'ANNA, 2007, p. 115) quando levantam outras possibilidades de leitura detidas no aspecto do desajuste da educação. A questão da educação do claustro, para meninos e, a educação a que

Margarida poderia ter acesso, mas não teve por ser de um poder aquisitivo em que sua condição de vida era a de agregada, não de filho de fazendeiro.

O romance publicado em 1872 apresenta uma narrativa acontecida por volta de 1830. A narrativa começa com as personagens em idade escolar. E a escola de primeiras letras ficava a “légua e meia” de onde moravam. As duas crianças estavam em contato com o gado, possivelmente sabiam andar a cavalo, mas ainda que só soubessem caminhar, a Vila não estava tão distante ao ponto de ser impeditivo Margarida frequentá-la.

A educadora Tirsa Regazzini Peres, em seu artigo “Educação Brasileira no Império”, permite afirmar que a educação de Margarida deveria ter sido iniciada. Diz a educadora: “Após a Independência (1822), com o advento da monarquia constitucional e sob a influência das ideias liberais há muito infiltradas no Brasil, a educação, anteriormente concebida como um dever do súdito, passou a ser compreendida como um direito do cidadão e um dever do Estado” (2010, p. 1). O Estado não cumpriu seu dever com Margarida.

Peres esclarece que:

Nos debates a respeito da educação popular, houve denúncias sobre o atraso em que esta se encontrava, quer pela falta de mestres de primeiras letras e de Latim, quer pelos ordenados minguados que recebiam. Segundo convicção geral e em caráter de urgência, reivindicava-se a instrução popular em nome dos princípios liberais e democráticos que, associados ao movimento da independência, fundamentavam o novo regime então proclamado. Retomava-se, em verdade, a ideia de José Bonifácio, apresentada às Cortes Portuguesas, em 1821, sobre a inviabilidade de governo constitucional sem a instrução do povo. (2010, p. 2)

Os ordenados minguados também chegaram ao século XXI, mas o pior que se mantém até os dias atuais é a falta de instrução do povo em um governo que foi eleito, até que seja provado o inverso, constitucionalmente. A inviabilidade tem sido uma regra.

Em estudo intitulado “Instituições Escolares no Brasil Colonial e Imperial”, as autoras apontam que o período de 1820-1830:

é considerado liberal, marcado por governar com constituição, porém limitado pelo poder Moderador que conferia ao imperador excepcionais poderes e levava a um governo efetivamente centralizador. A educação, sem uma política de educação e ensino, que não houve crescimento das oportunidades educacionais, onde a escola não estava presente, não houve mudanças, nas condições de trabalho do professor e as mulheres eram educadas em casa etc. (NASCIMENTO *et al*, *online*, p. 25 )

No fragmento acima temos a educação da mulher. Já fazendo uso da narrativa de Bernardo Guimarães, há a questão de classe. Sobre a educação da mulher é oportuno pensar — obviamente nesse caso não se trata apenas do aspecto financeiro —, no contraste da formação dispensada a Margarida e ao Eugênio, da agregada e do herdeiro de gado e terras. Na própria construção do romance a educação de Eugênio tem precedência, é discutida pelas duas crianças (os dois em idade escolar, 12 ou 13 o garoto e a garota 9 ou 10, segundo o narrador) já no primeiro capítulo, enquanto ambos apartam os bezerros.

No terceiro capítulo a educação dos dois volta a ser mencionada, é quando o narrador entrega que “desde os cinco anos” — a mãe de Eugênio e boa madrinha de Margarida — “lhe pôs nas mãos a agulha e o dedal” (O seminarista, 1999, p. 26). Na sequência surge o contraste: “Eugênio tocava já aos seus nove anos, e um dia foi preciso mandá-lo morar na vila em casa de um parente, a fim de frequentar a escola de primeiras letras” (O seminarista, 1999, p. 27). Certo, moravam em uma fazenda, não tinham acesso facilmente a escola, fossem de poder aquisitivo do agregado ou do fazendeiro. Mas a questão é: enquanto a menina é educada desde os 5 anos para uma demanda destinada ao papel da mulher, o garoto, com 9 anos, vai para a escola primária. Ela trabalha apartando os bezerros e ele apenas ajuda por gostar da companhia dela, não é a função dele. Cabe a ela, ainda aos 9-10 anos, “dar milho às galinhas... a costura” (O seminarista, 1999, p. 29).

Em “A Educação Feminina do Século XIX: Entre a Escola e a Literatura”, destaque:

[...] a situação da educação feminina era mais grave do que a já precária educação primária, de modo que o preenchimento das vagas para professores seria por meio de concurso público e por pessoas do mesmo sexo que os alunos. O fato é que as mulheres tinham dificuldades de serem aprovadas nesses concursos, embora o nível de exigência para o professorado do ensino primário fosse somente o domínio de leitura, escrita e das quatro operações de aritmética. Tal orientação gerava um círculo vicioso, no qual as mulheres não tinham espaço para a ampliação de suas classes justamente pela falta de professoras qualificadas. (CUNHA; SILVA, 2010, p. 99)

Considerando o fato de ser exigido tão pouco para que uma professora possa ser considerada qualificada para atuar no ensino primário e considerando que esse pouco não é atendido, a evidência denuncia pelo menos duas gravidades. A primeira diz respeito à mulher que não tem acesso a formação. A segunda representa o fato de a mulher que tem a formação exigida não atuar no mercado de trabalho. Provavelmente a segunda mulher possui uma formação por ter tido acesso ao ensino em seu próprio lar, para isso tem que ser de família de poder aquisitivo pertencente a elite. Essa mulher dificilmente poderá exercer a profissão por estar inserida em uma sociedade patriarcal, mas os seus dotes formativos serão amplamente comemorados para garantia da educação em seu futuro lar.

Em agosto de 1827, no parlamento brasileiro, ocorreu uma discussão sobre os conteúdos que seriam úteis à formação feminina. [...] As meninas pobres poderiam contar, além das Escolas de Primeiras Letras e das Escolas Normais, com instituições de caráter assistencial, que complementavam a sua formação. Essas instituições assistenciais, de caráter educativo, eram mantidas pelo Estado ou por Ordens Religiosas Femininas, porém também eram limitadas quanto aos conteúdos, direcionando o ensino às prendas domésticas, aos aspectos básicos de leitura, escrita e das operações básicas da matemática. Depois desse período de ensino básico, as alunas eram consideradas aptas a exercer o magistério público e privado. (CUNHA; SILVA, 2010, p. 98-99)

E o que sobra às meninas pobres? Sobra? A mãe de Margarida ensina-lhe o que sabe, o que não sabe pede a Eugênio que a ensine. Assim Eugênio será “preceptor” de Margarida. Caberá a ele ensinar-lhe no pouco tempo que sobra a ela por possuir vários afazeres domésticos. Uma vez mais Bernardo Guimarães demonstra sua preocupação com o ensino e pode-se ler no papel desempenhado por Eugênio a marca de um método lancasteriano utilizado na época.

— Pois mamãe sabia que a tia Umbelina me pediu para ensinar a ler à Margarida...

— Deveras, meu filho?... — interrompeu a mãe rindo-se muito. — Que galante mestrinho tem a minha afilhada! por Deus que não sei qual dos dois mais precisará de bolos, o mestre ou a discípula.

— Mamãe está caçoando!... pois é deveras, estou ensinando a ler à Margarida.

— Está bom, meu filho; mas para isso será preciso gastar todo o dia!... o teu mestre porventura te estava ensinando o dia inteiro?...

— Mas, mamãe, a tia Umbelina quer que ela aprenda depressa; e é preciso eu dar a ela duas, três e quatro lições por dia. Daqui lá é bem longe, eu não posso estar de lá para cá, e de cá para lá a toda a hora. (*O seminarista*, 1999, p, 29)

No caso de Margarida, pelo pouco tempo que Eugênio possui, os ensinamentos transmitidos a ela precisam ser concentrados. Por isso requer uma aprendizagem por imersão para que seja possível apreender as lições de leituras. Nesse envolvimento com as lições de leitura Margarida tem condições de vislumbrar um pouco do mundo para o qual Eugênio é preparado. O principal, no entanto, é que a ensinava “apontando-lhe as letras do alfabeto” (*O seminarista*, 1999, p, 30). Eugênio ensina da mesma forma que aprendeu.

Quanto aos bolos, eles eram naturalizados. A violência conhecida.

No ano de 1827, Baptista Pereira e Cunha Mattos, apresentaram emenda na reunião da Comissão de Instrução Pública da Câmara dos Deputados para que não mais houvessem punições nas escolas; a essa proposta Hollanda Cavalcanti argumentou a favor do uso de palmatórias, por exemplo, alegando ser necessário usá-las para que os professores pudessem ensinar os conteúdos em sala.

Sobre a “Violência nas Primeiras Letras”, Gusmão-Garcia e Silva ampliam a visão:

Em 1839, o Presidente da Província de Minas Gerais, no desejo de melhor orientar a instrução, encarregou os técnicos Fernando Vaz de Melo e Francisco de Assis Peregrino do parecer sobre métodos e modificações a serem adotados. Peregrino, de volta da França, procurou descrever minuciosamente o chamado ensino simultâneo. Tratando da escola modelo, faz a lista dos instrumentos caídos em desuso. Entre estes se contavam os escritos de punição em quadros onde havia, com grandes caracteres, as palavras preguiçoso, falador, mentiroso, brincador. Esses quadros se afixavam (quando ainda vigia o costume) no peito dos alunos que fossem julgados merecedores desses epítetos desmoralizadores. Em suas considerações, o relator discorre sobre o dever dos professores: cooperar pela boa saúde dos discípulos, desenvolver sua inteligência e dirigir sua moralidade. (1999, p. 45-46)

Cabe ao professor fazer uso dos métodos disponíveis. Voltando aos “bolos”, não eram uma prática ameaçadora somente nas escolas e, além da mãe de Eugênio tê-lo ameaçado em tom de brincadeira, Luciano<sup>2</sup> rirá de Eugênio desejando que leve uns “bolos”: “— Do capitão Antunes?... ah!... e o que vem ele aqui fazer?... decerto aqui veio fugido de casa, e há de ser bem feito que o pai lhe passe uma dúzia de bolos, quando souber que já anda metido em súcias...” (O seminarista, 1999, p. 77-78 — grifo meu).

Quando se trata da coerção dirigida a Eugênio, ela pode ser vista nos dois ambientes em que a narrativa se desenvolve. Primeiro na sua casa paterna, depois no seminário.

No artigo “A educação claustral em O Seminarista de Bernardo Guimarães” os autores analisam a formação educacional de Eugênio e sua relação com o processo de instrução desvinculado da experiência real. Chamam atenção para os aspectos da alienação pedagógica presente no sistema educacional da época da obra, para a instrução abstrata, os castigos e a vigilância a que Eugênio está submetido e pontuam a naturalização da violência à época. Antes de analisar o caso específico da personagem Eugênio os autores apresentam as condições reais às quais muitas crianças estavam submetidas.

Nas sociedades patriarcais, nas quais se enquadra aquela descrita em O seminarista, a criança era mantida a grande distância do adulto. [...] Em suma, era tratada como criatura estranha (anjo ou demônio), a ponto de se usar o castigo para preservar a distância quando a criança tentava diminuí-la. A criança era castigada pelo pai, pela mãe, pelo padrasto, pela madrasta, pelo avô, pela avó, pelo

tio-padre, pelo padrinho, pela madrinha, pela tia solteirona, pelo padre-mestre, pelo professor de gramática; e essa pedagogia, onde entrava boa dose de sadismo, teve seu prolongamento nos colégios de padre e nas aulas dos mestres-régios mesmo com a decadência do patriarcalismo. (GUSMÃO-Garcia; SILVA, 2005, p. 16)

Margarida não sofreu boa parte desses castigos vigentes na sociedade na qual vivia. No entanto, sua existência para Eugênio, por muitos momentos, foi marcada pela docilidade do bom anjo. Também os pais de Eugênio a receberam bem quando era “anjo”, mas a partir do momento em que Margarida brinca com uma cobra e já mais crescida se recusa a casar-se com outro, como era desejo da madrinha, passa de anjo a demônio e tem sua família expulsa do paraíso. Vale explicitar que também para Eugênio haverá um momento em que Margarida deixa de ser o anjo bom para ser o anjo mau.

Oh, Margarida! Margarida! que fizeste!...ah!... tu eras mesmo a serpente; teus lábios destilavam veneno de morte... era o fogo do inferno que te incendiava os olhos... Com teu amor mostravas-me o paraíso, que era a porta do inferno!... com tua traição e falsidade me abres também o inferno nesta e na outra vida!  
Por toda parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!... mas... que importa!... ah!... se continuasse a querer-me quem... sabe?... que valem sem ti o paraíso e todas as suas delicias?... eu te acompanharia de bom grado pelos ásperos e tenebrosos caminhos do desterro, como Adão acompanhou a sua Eva; suportaria alegre todos os trabalhos e tribulações da vida, se sentisse tua mão enlaçada com a minha, e o teu coração palpitando junto ao meu!... (O seminarista, 1999, p. 113)

Está passagem serve não só para mostrar a mudança de anjo/demônio mas também para afirmar a confusão em que se encontrava Eugênio. Momento antes de saber da carta que informa falsamente que Margarida casou-se, Eugênio já havia concluído que iria seguir seus passos na religião. No entanto, ao considerar que Margarida traiu o compromisso de casar-se com ele, esquece o percurso que pouco antes havia sido por ele decidido.

Dispunha-se Eugênio a ir dar conta ao seu diretor das grandes vitórias que ia alcançando sobre si mesmo, e manifestar-lhe a firme e inabalável resolução em que se achava de tomar ordens sacras e até de entrar para as fileiras dos filhos de S. Vicente de Paulo, quando recebeu um recado do mesmo diretor chamando-o ao seu cubículo. (O seminarista, 1999, p. 111)

Eugênio já estava resolvido a ser padre quando tem notícias da carta. O sermão e o sonho que tivera foram suficientes para fortalecê-lo, temporariamente,

na sua fé. Se os pais e os padres não tivessem interferido com um controle coercitivo, teriam formado o padre Eugênio que tanto queriam.

Tanto no seminário quanto na casa na fazenda, Eugênio é cercado por uma vigilância que se torna determinante para o desfecho da sua vida. Arrisco-me a interpretar que Eugênio estava tão acostumado a ser tolhido e dirigido por esse controle vindo de fora que na primeira oportunidade de guiar-se por si mesmo não foi capaz e enlouqueceu. O que me leva a pensar nos cerceamentos que o acompanharam durante sua pequena existência, no amparo condicionante que sempre teve. Mesmo Margarida o dirigia: “— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.” (O seminarista, 1999, p. 18). Após um momento de conversa sobre a ida de Eugênio para o seminário é novamente Margarida que volta a realidade: “— Meu Deus! — exclamou ela — o que estamos aqui fazendo embasbacados? há que tempo o sol já entrou, Eugênio! está ficando muito tarde. Vamos! vamos... toca as vacas”. (O seminarista, 1999, p. 21).

Margarida também é responsável pela construção de outro espaço tão antagônico quanto foram a fazenda e o seminário. Vejamos como o narrador apresenta o quarto dela: “via-se um lindo oratório dourado, diante do qual ardia uma vela de cera entre duas jarras cheias de viçosas e fragrantas flores. Parecia mais uma gruta mística e perfumada, um voluptuoso ninho de amor, do que o quarto de uma moribunda.” (O seminarista, 1999, p. 125-126)

Oratório. Gruta. Ninho de amor. Tivesse Eugênio feito uma escolha entre Margarida e o sacerdócio esse ambiente não o incomodaria, mas entre prostrar-se no oratório e consumir o que fora prometido:

[...] os dois amantes, pondo de parte toda a reserva e timidez, deram livre expansão aos seus afetos, e pela primeira vez falaram sem rebuço de amor, de casamento, de felicidade futura nos braços um do outro, e os beijos, aqueles beijos, que à luz do sol apenas esvoaçavam tímidos à flor dos lábios e morriam no limbo dos desejos, soltaram o vôo, encontraram-se através das grades, e imprimiram-se férvidos e trementes nos lábios de um e outro amante.

As meigas falas que ali se ciciaram em segredo, os arrulhos estremecidos, os suspiros abafados, que ali se exalaram, a noite e a solidão os receberam em seu seio segredoso, e os dispersaram nos ares de envolta com o sussurro da folhagem. (*O seminarista*, 1999, p. 71)

A pedido de Margarida, Eugênio prometeu que ela seria a primeira a poder confessar com ele. Nos braços de Margarida, Eugênio falou de casamento. Margarida conseguiu ser a primeira, talvez a única, nos dois sentidos da consumação.

As instituições de ensino são para formar os homens? Faz bem recordar um conselho: “faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se.” (O ateneu, 1997, p. 28). A imagem de Eugênio se fez fraca desde a aparência: “O rapaz era alvo, de cabelos castanhos, de olhar meigo e plácido e em sua fisionomia como em todo o seu

ser transluziam indícios de uma índole pacata, doce e branda.” (O seminarista, 1999, p. 18)

Basta Eugênio voltar para a casa dos pais já sendo um sacerdote que o próprio pai confia nos resultados da formação do filho. Diz o senhor Antunes em consolo à esposa que estava preocupada com a existência de Margarida “— Ora, senhora!... deixe-se dessas alusões... pois um homem, um padre... um missionário... nem sempre a gente é criança”. (O seminarista, 1999, p. 132-133)

Mas Eugênio não tinha essa segurança na sua formação, no primeiro momento em que precisa ser o senhor das suas decisões ele se vê em maus lençóis:

Como piloto fraco e inexperiente, que se perturba e desorienta em presença do perigo, arrependia-se mil vezes de ter tomado o timão, tão superior às suas forças, de uma nau pujante destinada a afrontar mares tão tormentosos. A tonsura sacerdotal era uma coroa de espinhos, que se lhe enterravam no crânio, e lhe arrancavam bramidos de desespero. (*O seminarista*, 1999, p. 130)

A índole pacata de Eugênio faz dele um padre, mas não faz dele um homem. Após ter “perjurado” diversas vezes nos seus propósitos será a primeira vez que cumprirá algo prometido à Margarida. Voltará ao quarto e se entranhara na gruta. Pagar essa promessa custar-lhe-á a própria sanidade. O longo período vivido no seminário não o preparou para a hipocrisia dos “homens de bem”, foi vencido pela morte da única que poderia dele ter feito um homem.

Um salto atrás para acompanhar a formação de Eugênio.

Após o retorno para a casa dos pais, após ter cumprido o tempo de estudo das primeiras letras, Eugênio toma conhecimento de sua ida para o seminário, fato narrado no primeiro capítulo.

[...] Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do “mestrinho”, como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. Eugênio não mentia, quando disse a sua mãe que ensinava a ler a sua companheira de infância. [...] apontando-lhe as letras do alfabeto.

Eugênio era dotado de índole calma e pacata, e revelava ainda na infância juízo e sisudez superior à sua idade; tinha inteligência fácil e boa memória. Além disso mostrava grande pendor para as coisas religiosas. Seu principal entretenimento, depois de Margarida, cuja companhia preferia a tudo, era um pequeno oratório, que zelava com extremo cuidado e trazia sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e ouropéis. Diante deste oratório, o menino se extasiava fazendo o papel de capelão, rezando terços e ladainhas e celebrando novenas com a regularidade e com uma gravidade verdadeiramente cômica. Seus assistentes eram os crioulinhos da



casa, e às vezes ele tinha por sacristão a Margarida, que com isto muito se encantava.

Em vista de tudo isto os pais entenderam que o menino tinha nascido para padre, e que não deviam desprezar tão bela vocação. Assentaram, pois, de mandá-lo estudar e destiná-lo ao estado clerical.

Naquelas épocas de crença viva e piedade religiosa, ter um filho padre era um prazer, uma glória, de que muito se ufanavam os pais e as mães de família, e mesmo hoje, principalmente entre os nossos morigerados e religiosos fazendeiros, não falta quem pense que não pode haver carreira mais bonita, mais santa, nem mais honrosa. (*O seminarista*, 1999, p. 30-31)

Esse recorte do texto pelo conteúdo do texto é para que fique claro, depois, que esse fragmento da narrativa não poderá eximir aos pais de tê-lo mandado para o seminário. A conduta seguinte só reforça a ideia de que o mais importante, para eles, era ter filho padre.

Como cumprir uma responsabilidade para a qual não está preparado? Basta calar os seus anseios e atender aos desejos paternos? A história de vida de Eugênio e Margarida, criados juntos desde pequenos, era uma vivência segura devido ao fato de os familiares de Eugênio e inicialmente a mãe de Margarida, os verem crescendo como se fossem irmãos. Apenas no momento em que Eugênio precisa cumprir a determinação dos pais para que estude para ser padre-mestre os jovens percebem-se impedidos de manter a união estabelecida desde a fase da infância.

No momento em que Eugênio e Margarida passam a ser constantemente vigiados e tolhidos nas suas ambições e demonstrações de afeto, a irmandade deixa de ser segura e é preciso proteger o destino que os pais traçaram para Eugênio. A partir da ida para o seminário a vida futura de ambos já está traçada pelos pais de Eugênio; eles o querem padre.

No seminário, até as manifestações poéticas de Eugênio são censuradas por se tratarem de poesias dedicadas ao amor de sua infância e não a sua devoção religiosa. O seminário garante o acesso a uma educação e uma formação religiosa ao mesmo tempo em que separa por longos anos Eugênio de sua família o que também garante uma fiscalização intensa do comportamento de Eugênio. O formar-se padre não foi uma escolha de Eugênio mas sim uma imposição de sua família amparada e alimentada pelos padres do seminário.

O seminário, que nada tem de muito notável, é um grande edifício de sobrado, cuja frente se atravessa a pouca distância por detrás da igreja, tendo nos fundos mais um extenso lance, um pátio, e uma vasta quinta. Das janelas do edifício se descortina quase todo o arraial, e a vista se derrama por um não muito largo, porém formoso horizonte. (*O seminarista*, 1999, p. 33)

Esse cenário que em um primeiro momento parece tão acolhedor não faz Eugênio esquecer o amor a Margarida e seu desempenho passa a não corresponder “[a] os progressos que eram de esperar de sua boa memória e inteligência” (*O seminarista*, 1999, p. 37). Passados alguns anos Eugênio tem seus poemas descobertos por um dos padres que,

conquanto admirasse o precoce talento poético do menino, foi às nuvens com semelhante descoberta, e tratou logo de sequestrar e ir meter nas mãos do padre-mestre diretor aqueles execrandos papéis, à exceção de alguns poucos que como apreciador do talento de seu aluno quis conservar consigo. (*O seminarista*, 1999, p. 43)

Não me parece haver em *O seminarista* um incentivo à vida literária, a vida de poeta. A menor demonstração de vida literária somente garantiu à personagem principal ser denunciada ao padre chefe. Por mais que sua produção tivesse algum valor — a ponto de alguns poemas terem sido roubados para deleite do denunciante —, não houve nenhum estímulo para que Eugênio pudesse desenvolver habilidade poética. E isso é sugerido enfaticamente pelo próprio narrador:

Aquelas definições e classificações tão frias e áridas, aquelas enfiadas enfadonhas de declinações e conjugações, como um bando de morcegos e corujas, recusavam-se obstinadamente a penetrar no cérebro inflamado do adolescente, onde como em um santuário ardente e luminoso fulgurava incessantemente a imagem de Margarida. Se desde o começo lhe tivessem posto nas mãos o livro dos Tristes de Ovídio ou as Églogas de Virgílio, talvez aquela calma impressionável e apaixonada se tivesse mais depressa congado com o latim. (*O seminarista*, 1999, 37)

Contrariando o esperado, o garoto de “inteligência fácil e boa memória” não se saiu tão bem nos seus estudos, tinha que “gravar na memória os rudimentos de latim”, e o narrador nos direciona a entender que o método era impróprio, tivesse o mestre feito uso da literatura e o jovem seminarista teria aprendido “às fastidiosas lições de gramática latina”. Não se trata, no caso, de fazer uso da literatura para ensinar gramática, mas de facilitar o processo da assimilação fazendo uso das obras apontadas.

Quando Eugênio confessa a sua mãe não ter vontade nenhuma “de ser padre” (*O seminarista*, 1999, p. 68) a mãe ameaça denunciá-lo ao marido. E as ameaças dela terminam por acontecer: “falo com teu pai para te mandar já para o seminário, mesmo antes de se acabarem as férias, e não voltas de lá senão depois de ordenado” (1999, p. 69). Os pais de Eugênio não se furtaram nos zelos para investir em “tão bela vocação” clerical, mas quando o jovem demonstrou grande interesse em ensinar Margarida a ler, a mãe só soube falar dos “bolos”. Não viu nessa ação nenhuma vocação no filho. Já naquela época os professores ganhavam pouco se

comparado aos outros trabalhos que exigiam a mesma dedicação nos estudos para assumirem a profissão. E não era profissão tão isenta de crítica aos seus métodos. Eugênio foi um aluno vítima de instruções sem sentido, vítima dos pais e dos padres que estavam inseridos no patriciado rural.

[...] O compêndio de Antônio Pereira foi para ele um pesadelo, diante do qual teve de gemer e suar por alguns meses. Lia e relia as páginas da lição a ponto de as esfarelar para conseguir gravar na memória algumas palavras. É que eram seus olhos somente que passeavam por sobre aquelas letras mortas, que nada diziam ao seu espírito. (*O seminarista*, 1999, 37)

O fato de serem letras mortas e não uma língua morta faz crer uma defesa da língua; o latim, considerado uma língua morta, vive para aquele que a conhece. Não sendo possível a ele decifrar os sentidos das letras diante dos seus olhos, também não é possível esperar que abram algum caminho para que Eugênio possa relacionar sua vivência com essas letras que nada representam.

Sobre suas aulas de latim que valem-se d'“O compêndio de Antônio Pereira”, Lajolo e Zilberman afirmam:

O protagonista, Eugênio, vai estudar no Caraça<sup>3</sup>, visando ordenar-se padre. Suas primeiras aulas de latim valem-se do compêndio de Antônio Pereira, com resultados negativos; o narrador comenta que o aproveitamento teria sido maior se o rapaz estivesse estudando a matéria nos poemas de Ovídio e Virgílio.

Ao comentar nesses termos o ensino de latim, Bernardo Guimarães inaugura duas atitudes frequentes relativas à presença da literatura no currículo escolar. A primeira aposta no envolvimento decorrente do contato do jovem com o texto literário; a segunda preconiza que a escola tire vantagens deste envolvimento, transformando a relação com a literatura em pretexto para outras aprendizagens. (2003, p. 203)

A crítica ao método elaborada pelo narrador ampara entender que, para o narrador, a didática salva o interesse por mais difícil que o assunto seja. Esse narrador, para as críticas Lajolo e Zilberman que defendem uma tese pedagógica do romancista, parece atribuir toda a responsabilidade da falta de aprendizado ao mestre que deveria ter sido hábil e encontrado um caminho que permitisse a Eugênio incorporar o conteúdo. Vejamos como Lajolo e Zilberman amparam a tese pedagógica:

Registra-se, pois, e na clave do romance [O seminarista], o discurso pedagógico que aposta na vantagem da poesia — até mesmo da poesia latina — como porta de entrada para o ensino eficiente da língua. Mas tão amenas expectativas nem sempre se concretizam:

nem só de flores se pavimenta o ensino de literatura [...]. (2003, p. 204)

O fato é que Eugênio encontra amparo na literatura para suportar parte das opressões que sofre no ambiente escolar.

Volto ao romance, pois a crítica do narrador ganha mais corpo:

Naqueles tempos os dignos e veneráveis sacerdotes da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo, aos quais tantos benefícios deve a província de Minas, não se descuidavam de empregar meios para atrair neófitos ao seio daquela respeitável corporação. Como os jesuítas, porém com mais escrúpulo e menos violência, procuravam dirigir a educação moral e intelectual dos meninos, de modo a inspirar-lhes o gosto pela vida ascética dos claustros e a resolvê-los a tomar a loba e o barrete de congregados. (*O seminarista*, 1999, 39)

Não cabe aqui expor o escrúpulo ou a violência dos jesuítas, mas cabe apontar a falta de escrúpulo e a violência da respeitável corporação de São Vicente de Paulo. A própria arquitetura do claustro já é uma violência. Estar cercado por quatro paredes representa a dimensão dos limites impostos aos principiantes que ali vão para ser educados moral e intelectualmente. Quais são os valores morais ensinados? Tudo é pecado? Tudo pode ser perdoado conforme seus sacrifícios do corpo?

Não percebo, no romance, nenhuma situação que permite ao seminarista fazer uma escolha, todas as direções são apontadas como seguras e únicas, nada que não esteja presente nos mandamentos dos padres pode ser adotado sem que uma penalidade seja estipulada. Mas, se no plano moral estava pressuposta a obrigatoriedade em relação a cumprir o caminho religioso, então ele foi relativamente bem sedimentado. No entanto, a vida que Eugênio gostaria de ter não foi possível a ele.

As obras latinas, no momento em que tratam de assuntos da experiência de vida de Eugênio, tornam-se atraentes por seu conteúdo e para chegar a ele Eugênio vence as dificuldades com a língua, com a própria forma. Nesse momento, diante da possibilidade de diálogo com o seu mundo, o leitor Eugênio ganha confiança.

Eugênio já tinha entrado para a terceira classe de latim, e começando a traduzir o livro dos Tristes de Ovídio e as Éclogas de Virgílio sentiu-se tomado de um vivo gosto pela poesia. Para isso o predispunham sua terna sensibilidade e ardente imaginação. Só esperava a mão que viesse correr aos olhos de sua inteligência inexperta o véu que encobre esses desconhecidos e encantados horizontes, essas paisagens fantásticas e deslumbrantes, tão cheias de magia, de luz e de harmonia em que os espíritos elevados

encontram tão grato abrigo contra a insipidez e as asperezas da vida real.

Virgílio, de um lado, e Ovídio, do outro, deram-lhe as mãos e o introduziram no templo da harmonia. (*O seminarista*, 1999, p. 40)

O envolvimento de Eugênio com a poesia o faz não apenas gostar de lê-las como também o inspira a produzir suas próprias criações. São as poesias que primeiro o colocam em conflito diante do pensamento do amor carnal, do confronto da musa espiritual e a musa real, Nossa Senhora e Margarida. Ao mesmo tempo tudo se torna uma outra trindade.

Eugênio, pois, ao ler os primeiros versos de Virgílio, sentiu na fronte o bafejo do anjo da poesia que lhe dava, à alma como um sentido mais, abrindo nela uma nova fonte de suaves e inefáveis emoções. As Éclogas do imortal Mantuano o encantavam. As cenas do amor bucólico o arrebatavam, retrazendo-lhe na fantasia em cadentes e melódiosos versos os singelos e aprazíveis painéis da vida campesina, em que tantas vezes ele figurava como ator, e fazendo-lhe lembrar com a mais viva saudade o ditoso tempo em que, junto com Margarida errante pelos vargedos e colinas da fazenda paterna, lidava com o pequeno rebanho de Umbelina. A não ser padre santo — que era até então a sua mais forte aspiração —, a vida que mais lhe sorria à imaginação era a de pastor, contanto que fosse em companhia de Margarida. (*O seminarista*, 1999, p. 41)

À imaginação, o santo padre se daria por feliz em ser apenas um pastor. Ética e moralmente nem os pais nem os padres foram capazes de formá-lo para a vida que ele poderia escolher viver. Ao concluir o caminho formativo no seminário, ao encontrar Margarida moribunda, é como voltar à infância, quando nem ele nem Margarida sabiam exatamente o que significava para o relacionamento deles o sacerdócio, mas sabiam o que era esperado de um padre e assim combinam o futuro de ambos: confessor e confessa.

O seminarista é registro significativo para reflexão pautada nos estragos que a insuficiência de mediação entre as experiências escolar e familiar podem causar enquanto formação educacional que almeja o crescimento humano. Normalmente lido na perspectiva do amor dos dois jovens que se torna fatal, tem, na narrativa que forma esses jovens, uma outra perspectiva também fatal: a da educação formal que aniquila uma natureza para impor uma cultura desejável. São pelo menos duas histórias nesse romance, mas é comum ouvir de leitores que se trata de uma história idílica de dois jovens que não puderam vicejar no amor que sentiam um pelo outro. É certo que também no ambiente em que viviam livres e rodeados por uma natureza que os integrava haverá uma ruptura quando os espaços mudam: Eugênio no seminário e Margarida expulsa do paraíso, da fazenda em que fora formada.

A organização social, fator decisivo no afastamento dos apaixonados, sofre diluição na terna e idealizada descrição do ambiente em que vivem as duas agregadas rurais. O que a narrativa encobre, embora constitua aspecto determinante da trama, é a existência de um modelo social, não muito distante da estrutura feudal, que permite à viúva e à filha do alferes viver nas terras de Francisco Antunes enquanto desfrutarem de suas boas graças, podendo ele, no entanto, expulsá-las e condená-las à penúria quando bem lhe aprouver. (CADEMARTORI, 1999, p. 12).

Nesse romance é possível ler outras formações quando a historinha de amor é deixada de lado e as diversas possibilidades de concretizá-la ganham corpo. Minha abordagem foi guiada pela educação formal e informal de Eugênio e Margarida, no entanto a formação de ambos é a ponta do iceberg no cenário brasileiro que tem estruturas muito claras pautadas na classe social.

Por violento que pareça, e é, O seminarista, possui personagem (Eugênio) que só será considerada pronta para a sociedade em que vive se acatar um formato de educação que o enquadra em determinadas funções sociais. Eugênio investe neste projeto e seu fim é a liberdade possível (a loucura) aos que não mais podem compactuar com a terceira margem da vida.

Em tese a violência contra Eugênio não foi apenas uma violência física, não era somente o Seminário que enclausurava Eugênio. Este teve as suas poesias confiscadas pelo padre e usada contra ele. A vigilância é violência. A invasão do seu espaço pessoal o levou a ficar dias sem ser alimentado, os colegas não entendiam o jejum, Eugênio era quase um santo, mas estava sendo punido. Os padres, detentores do poder, são os responsáveis por essa violência. Eugênio sofre para decorar as lições, sofre por não conseguir se concentrar nos estudos e tem sua inteligência posta em cheque.

## Notas

1 Em “Folhetins: uma prática de leitura no século XIX”, segundo Germana Maria Araújo Sales, o jornal A Folha do Norte publicava muitos autores que escreviam nesse formato e um desses autores é Bernardo Guimarães. A pesquisadora informa que o romance O Seminarista foi publicado “no período de 19 de novembro até o fim de dezembro – 1899” (2007, p. 50), em A Folha do Norte. Certamente foi publicado em Minas Gerais, Rio de Janeiro e outros estados, mas importa agora pensar nesse formato de publicação que era, muitas vezes, o único acessível aos leitores desse do século XIX.

2 “Era um moço que teria a rigor os seus vinte e cinco anos, de bonita e agradável presença, tropeiro bem principiado, que já tinha alguns lotes de burros no caminho do Rio, e que além de tudo se tinha em grande conta de bonito, de rico e de bem nascido, pelo que não deixava de ser sumamente ridículo, quando não era insolente.” (O seminarista, 1999, p. 75)

3 No romance O seminarista, não é possível afirmar que a personagem Eugênio tenha estudado nesse colégio. Bernardo Guimarães foi aluno no seminário de Campo Belo, não no de Caraça:

“[...] é pertinente lembrar que o autor estudou no seminário Campo Belo, além de ter vivido ao ar puro e nas montanhas, em contato com indivíduos sem preocupações filosóficas” (GUSMÃO-Garcia; SILVA, 2005, p. 10).

---

## Referências

---

CADEMARTORI, Lígia. **“Arrojos e clausuras”**. Prefácio a O seminarista. São Paulo: FTD, 1999, p. 7-16.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira** (momentos decisivos). 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000. Tomo 2.

CUNHA, Luis Antonio. **A educação brasileira na primeira onda laica**. Do Império à República / Luiz Antônio Cunha. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017.

Disponível em:

<<http://www.luizantoniocunha.pro.br/uploads/livros/AEducacaoBrasileiranaPrimeiraOndaLaica.pdf>>. Consultado em 17 fev 2018

CUNHA, Washington Dener dos Santos; SILVA, Rosemaria J. Vieira. **A Educação Feminina do Século XIX: Entre a Escola e a Literatura**. Niterói, v. 11, n. 1, p. 97-106, 2. sem. 2010

ETCHEBÉHÈRE JUNIOR, Lincoln; BRANDÃO PINTO, Thais Lanza. **Retrato da educação no Brasil império: um olhar sobre a cidade de Bananal**. Pesquisa em Debate, edição especial, 2009. ISSN 1808-978X. Disponível em:

<[http://www.pesquisaemdebate.net/docs/pesquisaEmDebate\\_especial1/artigo\\_36.pdf](http://www.pesquisaemdebate.net/docs/pesquisaEmDebate_especial1/artigo_36.pdf)>. Consultado em: 21 dez 2018

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Ilustração e educação: uma leitura de Bernardo Guimarães**. Revista Educação, Santa Maria, v. 31 - n. 01, p. 153-174, 2006. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>, consultado em 16 jan. 2019

GUIMARÃES, Bernardo. **O seminarista**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

GUSMÃO-Garcia, Sílvia Craveiro; SILVA, Antônio Manoel dos Santos. Violência nas primeiras letras: a escola num conto de Machado de Assis”. **Interface — Comunicação, Saúde, Educação**, v.3 , n.5, pp. 41-50, 1999. Disponível em: <<https://scielosp.org/pdf/icse/1999.v3n5/41-50/pt>>. Consultado em 8 ago 2017

GUSMÃO-Garcia, Sílvia Craveiro; SILVA, Antônio Manoel dos Santos. A educação claustral em O Seminarista de Bernardo Guimarães. **Revista Plurais — Universidade Estadual de Goiás**. V. 2, nº ½ julho/dezembro, Anapólis, GO: UnUCSEH, 2005, pp.09-30

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2003.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et all. (on line) **Instituições Escolares no Brasil Colonial e Imperial**. Disponível em:

<[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_075.html](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_075.html)>. Consultado em 13 jan. 2019

PERES, Tirsa Regazzini. **Educação Brasileira no Império**. Publicado em 6 mai 2010. Disponível em:

<<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/105/3/01d06t03.pdf>>. Consultado em 18 jan 2019

SILVA, Antônio Manoel dos Santos; SANT'ANNA, Romildo. **Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas – Brasil**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

SOUZA, Ney de. A influência da religião europeia na cultura brasileira Da religião mágica à religião crítica. **Revista de Cultura Teológica**, [S.l.], n. 86, p. 108-129, dez. 2015. ISSN 2317-4307. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.v0i86.26043>>. Consultado em: 09 ago. 2018. doi:<https://doi.org/10.19176/rct.v0i86.26043>.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira** — de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Introdução de Heron de Alencar. Editora Universidade de Brasília. 4 ed.1963.

---

### Para citar este artigo

---

CARVALHO, C. de O. Educação formal e informal em O Seminarista, de Bernardo Joaquim da Silva Guimarães. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 1., 2020, p. 244-267.

---

### O Autor

---

**Cleiry de Oliveira Carvalho** possui doutorado (2019) em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB), possui graduação (2001) e mestrado (2007) em Letras pela Universidade Estadual de Maringá.